

# Bier calcula dívida

BRASÍLIA – O secretário de Política Econômica do ministério da Fazenda, Amaury Bier, esforçou-se ontem para provar que o círculo vicioso de hoje – juros a cada dia mais altos e taxa de câmbio cada dia mais desvalorizada, com efeitos de ambos sobre a dívida pública - pode se transformar num círculo virtuoso em alguns meses. “Não em dois ou três meses, que serão ainda de política monetária apertada, contracionista”, mas em algum tempo que ele não especifica.

O que está em jogo hoje é se o governo será capaz de produzir um superávit primário nas contas do setor público de 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB), tal como comprometido no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Isso é importante porque será com esse superávit, esse saldo, que o governo poderá pagar parte dos juros que incidem sobre uma dívida interna bilionária (cerca de R\$ 360 bilhões), ou equivalente a 44% do PIB, de forma que essa relação entre a dívida e o PIB fique estável nos próxi-

mos três anos. Ficar estável representa “ser pagável”, não ter, portanto, uma trajetória explosiva.

Ora, se o mercado acha que não será possível reduzir os juros, acabará chegando à conclusão de que a dívida, em algum momento, vai explodir e o governo, no limite, terá que fazer uma moratória, ou dar um calote.

O que Bier procurou mostrar, ontem, com fórmulas matemáticas é simples: com a livre flutuação da taxa de câmbio, do cálculo da taxa de juros necessária para os mercados funcionarem, deriva uma previsão de desvalorização do real de 7.5% a 8% ao ano, como havia até o ano passado, no regime de bandas. Estaria aberta uma janela, portanto, para retirar um naco dos juros só por conta dessa mudança cambial. Mas para poder chegar até lá, há todo um caminho de transição a seguir, até que o real e o dólar encontrem um ponto de equilíbrio e que não haja riscos de muita inflação, seguida de reivindicações de indexação da economia. Isso seria um desastre. (C.S. e J.R.)